

Eliane Camargo
(CELLA/CNRS-IRD, NHII/USP)

Construções adjetivais e participais em Caxinauá (PANO)

ABSTRACT

The aim of this study is to present the adjectival construction in Cashinawa (a Panoan language). They can be indicated by modifiers (adjectivizers, participial morpheme) or not. In this language, the class of the adjectives presents words which bear an intrinsic adjective value. Many of these words require, frequently, the adjectivizer {-ta}pa which attributes a property to the determined element. There is also a derivational process indicated by the participial morpheme -ja. Related to a noun, that morpheme attributes a state to the determined element: ain 'wife' >ain -ja 'be married'. This suffix can also build a noun of agent, whose property is attributed to the determined element: huni bin-ja (men / rubber-participial) 'rubber man' (lit. the one who is characterized by having the property of knowing the 'rubber plant'). The head noun is the noun that is modified by all the other elements (*bimi bata* //fruit / sweet// 'sweet fruit'). This NP can take the predicate position when aspect-tense values come associated to the determiner, modified by adjectivizers or participial morphemes, as in the following construction: *ain-ja-mis* (get.a.wife-participial-event) 'he keeps married'. This text presents different derivational processes built with these adjectival and participial predicates, taking into consideration utterance.

KEYWORDS: *Cashinawa; Panoan language; Grammatical categories; Noun phrase; Adjective phrase; Participial phrase.*

RESUMO

O objeto deste estudo são as construções adjetivas, marcadas ou não por modificadores (adjetivadores, morfema de valor participial). Nesta língua, a classe dos adjetivos apresenta lexemas plenos que mostram um valor adjetival extrínseco. Muitos desses lexemas plenos recorrem, com frequência, ao adjetivador {-ta}pa, com o qual atribui uma propriedade ao elemento determinado. Um outro processo derivacional bastante produtivo na língua é o uso do sufixo -ja. Este morfema, associado a um nome, expressa um valor participial, atribuindo um estado ao elemento determinado: ain 'esposa' > ain-ja 'estar casado'. Com este sufixo, constroem-se ainda nomes de agente, aos quais atribuem-se propriedades ao elemento determinado: huni bin-ja (homem / seringa-participio) 'seringueiro' (lit. aquele que é caracterizado por possuir a propriedade de conhecer a 'seringa'). O elemento determinado ocupa a posição inicial do sintagma nominal (*bimi bata* //fruta / doce// 'fruta doce'), porém este sintagma pode ocupar a posição de predicado, quando valores aspecto-temporais associam ao elemento determinante modificado ou não por um adjetivador ou participio, como ilustra a construção marcada por -ja: *ain-ja-mis* (esposar-participio-evento) 'ele continua casado'. Este texto apresenta diferentes processos derivacionais construídos desses / predicados adjetivais e participais, levando em conta a situação enunciativa.

PALAVRAS-CHAVE: Caxinauá; Língua pano; Categoria gramatical; Sintagma nominal; Sintagma adjetivo; Sintagma participial.

O caxinauá, uma língua sem cópula¹, busca recursos morfossintáticos para marcar a relação de atribuição entre os elementos. A ordem das palavras posiciona o elemento determinado (Do) precedente ao elemento determinante (De), i.é., «Do De». Esta ordem é válida em construções epítéticas como em *hiwə pišta* (casa / pequena) ‘criança pequena’ e em construções atributivas, como veremos ao longo do texto. A construção epítética é composta de adjetivos e de nominais adjetivizados, ao passo que a construção atributiva requer, *sine qua non*, o atributivizador representado pelo sufixo *-ja*. Adicionado ao elemento determinante, esse sufixo atribui uma propriedade ao elemento determinado. O sufixo *-ja* aparece ainda associado ao dêitico anafórico *ha* > *haja*, ocupando a posição de predicado, e, nesse caso, dois actantes são distintos.

O presente texto propõe um estudo morfossintático das construções adjetivais² que remetem às relações epítéticas e às relações atributivas em caxinauá (pano³). Nelas analisaremos a ordem dos elementos nos sintagmas adjetivais e os morfemas que se agregam ao lexema em função de determinante, remetendo a campos semânticos, tais como a relação descritiva e a relação atributiva.

O SINTAGMA ADJETIVAL

No sintagma adjetival de valor epítético, o elemento determinante pode ser representado por um adjetivo (1) ou por um lexema adjetivizado pelo modificador *-{ta}pa* (2). Esses sintagmas epítéticos podem, no entanto, receber uma leitura predicativizada, conforme a situação de comunicação:

(1) *hiwə pišta*⁴ (casa / pequeno) ‘casa pequena’, ‘a casa é pequena’

(2) *hiwə əwa* (casa / velha) ‘casa velha’, ‘a casa é velha (e habitável)’

Os lexemas prototipicamente adjetivais constituem uma classe pequena. Dentre os adjetivos plenos destacam-se: *babu* ‘mole’, *bəmakia*⁵ ‘periférico’, *bəna* ‘novo’, *caca* ‘torto’ (tronco), *cakabu* ‘ruim’, *canpa* ‘baixo de estatura’, *capu* ‘podre’, *caša* ‘brilhante’, *cikiš* ‘preguiçoso’, *cisti* ‘curto’ (pênis), *cunpi* ‘crespo/enrolado’, *dətis* ‘sujo’, *haiki* ‘velho’, *hušin* ‘maduro’, *ica* ‘reunido’, *jauš* ‘avaro, mesquinho’, *justu* ‘torto’, *kajabi* ‘verdadeiro’,

¹ Nesta língua, o item lexical expressa propriedades predicativas inerentes.

² Parte deste texto foi publicado no artigo intitulado *Classes lexicales: frontière peu tranchée en caxinaua* (Camargo, 2003: 34-38).

³ Falada em um território contínuo entre o Brasil e o Peru, na bacia do Juruá-Purus por cerca de 5.000 indivíduos. Os dados aqui apresentados foram coletados em diferentes pesquisas de campo realizadas no rio Curanja, no Peru, entre 1994 e 1999.

⁴ A transcrição dos dados segue o sistema fonológico caxinauá, composto de quatro vogais (*a*, *i*, *u*, *ə* ‘vogal média central’) e de quatorze consoantes (*m*, *n*, *p*, *t*, *c*, *k*, *b*, *d*, *j*, *ts*, *s*, *š*, *h*, *w*).

⁵ Os lexemas *bəmakia*, *kajabi* e *kuin* fazem parte do sistema categorial caxinauá. Os termos *bəmakia* e *kajabi* são bastantes usados para qualificar a posição de um curso d’água: *hənə bəmakia* ‘rio tributário’ e *hənə kajabi* ‘rio principal’.

kuin ‘kuin⁶’, *maʃun* ‘liso’, *mənki* ‘marupiara’, *məsi* ‘estreito’, *miman* ‘mimado’, *minan* ‘generoso, mão aberta’, *miʃta* ‘gorducho’, *miʃtin* ‘pequeno’, *nətsə* ‘seco’, *nəʃpa* ‘raso’, *pə* ‘bom’, *pisi* ‘fétido’, *pubən* ‘valente’. O alinhamento desses lexemas só é possível no sentido de posposição « Do De⁷ », jamais no sentido inverso (*De Do).

Há, no entanto, sintagmas compostos por dois nominais em que a posição dos elementos pode ser invertida, possibilitando tanto « Do De » quanto « De Do ». Como, então, distingüí-los semanticamente? Em uma das posições, tem-se a seqüência própria de um sintagma adjetival (3), mas na outra, trata-se de um complemento de nome (4). Em (3), requer-se uma leitura epítética, em que se atribui a propriedade de ‘estar morto’ a um homem, ao passo que em (4) trata-se de um homem (falecido) pertencer à classe dos mortos:

(3) *huni* ***mawa***
homem morto
‘homem morto’

(4) *mawa* ***huni***
morto homem
‘homem morto’

Esses exemplos, além de mostrar que o elemento determinante aparece ou na sua forma plena (1) ou na sua forma derivada, marcada pelo adjetivizador *-{ta}pa* (2), ou representado por um nome em função adjetival (4), mostram que o critério da ordem dos elementos com o termo determinado em início de sintagma é pertinente para a apreensão do valor adjetival de um radical. Vejamos mais uma série de exemplos em que um radical ocupa diferentes posições no sintagma. Em (5a) trata-se da variedade de milho que é branca, em (5b) é a propriedade de ‘ser branco’ que é atribuída ao milho. Vimos estas relações adjetivais nos sintagmas (3-4). A diferença entre (4) e (5b) é que o nominal *huʃu* ‘branco’ pode ainda ser adjetivizado por *-{ta}pa*, o que não acontece com o termo nominal *huni* ‘homem’. A justaposição dos elementos tanto em (4) quanto em (5b) mostra uma relação do tipo intrínseco. Quando o elemento determinante recebe um adjetivizador, como em (5c), o sintagma adjetival remete a uma relação do tipo atributivo em que se atribui uma propriedade ao elemento determinado.

(5) a. ***huʃu*** *ʃəki*
branco milho
‘milho branco’

b. *ʃəki* ***huʃu***
milho branco
‘milho branco’

⁶ Contrariamente ao que a literatura etnográfica caxinauá apresenta, o adjetivo *kuin* não é traduzível. O seu emprego varia segundo a referência que lhe dá o enunciador.

ADZR ‘adjetivizador’, ASS(ertivo), De(terminante), D(eterminad)o, EVE(nto), GEN(itivo), lit(eral), NEG(ativo), PART(icipio), PROGR(essivo), SG ‘singular’, S(intagma) A(djetival), TOP(icalizador), U ‘participante único’.

- c. *ʃəki huʃu-pa*
 milho branco-ADZR
 ‘milho branco’

O VALOR PREDICATIVO DO SA

Todos os radicais adjetivais e/ou sintagmas adjetivais podem ocupar uma função predicativa quando da adjunção de marcas de asserção como *-ki* que é um predicativizador por excelência:

- (6) a. ***piʃta-ki***
 pequeno-ASS
 ‘é pequeno mesmo’
- b. *bakə piʃta-ki*
 criança pequena-ASS
 ‘é uma criança pequena’

Tanto o radical como o sintagma adjetival pode receber marcas de valor aspecto-temporal e ocupar a posição de predicado:

- c. *bakə piʃta-mis(-ki)*
 criança pequena-EVE(-ASS)
 ‘a criança é pequena’ (i.é., está baixa da altura)
- d. *bakə əwa-ai*
 criança crescimento-PROGR
 ‘a criança está crescendo’

O predicado pode ser ocupado por um sintagma adjetival, marcado por um adjetivizador *-{ta}pa*. No caso de (7), o predicado *pata-pa* ‘é surdo’ remete a uma propriedade de estar surda, pois não escuta o que lhe é dito’:

- (7) a. *bakə əwa-pa-mis*
 criança crescimento-ADZR-EVE
 ‘a criança cresce’ (i.é., ‘a criança continua crescendo’)
- b. *bakə pata-pa-mis(-ki)*
 criança surdez-ADZR-EVE(-ASS)
 ‘a criança é surda’ (i.é., ‘a criança continua surda’)

-pa ‘atribuidor de propriedade’

A análise acima distingue, então, uma propriedade intrínseca expressa por um lexema pleno e a atribuição de uma propriedade indicada pelo sufixo adjetivizador *-{ta}pa* associado ao elemento determinado: *bata* (intrínseco) > *bata-pa* (atribuído) ‘doce’, *cai* > *cai-pa* ‘longe’, *dakə* > *dakə-tapa* ‘medo’, ‘medroso’, *dua* > *dua-pa* ‘dócil, generoso’, *duma* > *iduma-pa* ‘feio, desordenado’, *kəja* > *kəja-tapa* ‘alto’, *ʃəni* > *ʃəni-pa* ‘velho’, *ʃanka* > *ʃanka-pa* ‘leve’, *nui* ‘triste’ > *nui-tapa* ‘tristeza provocada por um sofrimento moral e social’. Outros lexemas requerem uma leitura nominal em sua forma plena: *əwa* ‘crescimento’ > *əwa-{ta}pa* ‘grande’, *ica* ‘reunião⁸’ > *ica-pa* ‘reunido’, *kuʃi* ‘força’, ‘corrida’ > *kuʃi-pa* ‘forte’, ‘rápido’, ‘pesado’, *paə* ‘veneno’ > *paə-pa* ‘venenoso’, *unan* ‘conhecimento’ > *unan-pa* ‘inteligente’. Há outros termos que apresentam o morfema *-{ta}pa* que podem ser considerados lexicalizados: *bətsa bətsapa* ‘misturado’, *mətsapa* ‘marupiara’ (cachorro que sabe caçar), *məntsisipa* ‘pessoa corajosa, que não teme nada’. Alguns deles apresentam uma transferência atributiva (Pottier, 1974) remetem a nome de agente como *hanca* ‘falar’ > *hanca-pa* ‘falante, conversador’.

- as cores

Os caxinauás reconhecem algumas cores dentre elas o azul, o branco, o preto, o vermelho, o marrom, o amarelo e o verde. Como vimos em (5), o termo que designa uma coloração (no caso *huʃu* ‘branco’) em sua forma plena remete a uma propriedade intrínseca, ao passo que ao receber o adjetivizador *-{ta}pa* expressa uma propriedade atribuída ao elemento determinado. O mesmo ocorre com os nomes de coloração indicados acima, com exceção de ‘verde’ (*ʃu*) que não aceita a adjetivização (**ʃu-pa*): *huʃu* ‘branco’ (intrínseco) > *huʃu-pa* ‘branco’ (atribuição), *məʃu* ‘preto’ > *məʃu-pa* ‘preto’, *nankə* ‘anil, azul’, *nankə-tapa* ‘azul⁹, verde claro’, *paʃin* ‘amarelo’ > *paʃini-pa* ‘vermelho’, *taʃi* ‘vermelho’ > *taʃi-pa* ‘vermelho’ ou ‘laranja’. Para designar marrom o caxinauá dispõe de dois termos: um é construído a partir de nome *kudu* ‘pó’, > *kudu-pa* ‘marrom’, o outro construído a partir do adjetivo *huʃin* ‘maduro’ > *huʃini-pa* designa ‘marrom claro’.

O VALOR PARTICIPIAL DO SA

A adjetivização pode ser construída pelo sufixo participial *-ja* que adjetiviza o nome ao agregar-se-lhe (8b). Esta construção adjetival pode ocupar a posição de predicado ao receber valores modais (8c) ou aspecto-temporal (8d):

⁸ Conforme o contexto, o informante fornece a este lexema significados como ‘junto, muito’ e ‘bastante’ para *icapá*.

⁹ O termo *minanipa* designa ‘azul’, porém não foi possível segmentá-lo *minani-pa* e encontrar um significado para *minan{i}* que remetesse a um emprego relativo à coloração. Existe, no entanto, um termo *minan* que designa uma pessoa bondosa, «mão aberta».

- (8) a. *mi - n ain*
2sg-gen esposa
'tua esposa'
- b. *mi - n ain-ja*
2sg-U esposa-PART
'você está/é casado'
- c. *mi - n ain-ja-ki*
2sg-U esposa-PART-ASS
'(afirmo que) você está/é casado'
- d. *mi - n ain-ja-mis-ki*
2sg-U esposa-PART-EVE-ASS
'(afirmo que) você continua casado'

Este tipo de predicado adjetival só é aplicado em dois casos: (a) em uma combinação entre o radical, representado por um elemento animado humano e o particípio *-ja* (8b-d) e (b) em um sintagma nominal que remete a nomes de agente (9b-c, 10-11). O sufixo *-ja* atribui ao agente o conhecimento da farmacopéia (9), do xamanismo (10), da extração do caucho (11) e da arte de tecer (12):

- (9) a. *huni-n dau*
homem-GEN remédio
'o remédio do homem'
- b. *huni dau-ja (*huni dau)*
homem remédio-PART
lit. 'homem caracterizado por conhecer a farmacopéia'
'herborista'
- c. *huni-ø dau-ja-mis*
homem-U remédio-PART-EVE
lit. 'o homem é e sempre foi herborista'
'o homem é herborista'
- (10) a. *huni-n muka¹⁰*
homem-GEN substância xamânica
'a substância xamânica do homem'

¹⁰ *muka* é concebido como uma substância de gosto amargo encontrada nos cipós utilizados no fabrico da bebida alucinógena *niši paə* 'cipó', ou 'ayahuasca' em espanhol. Essa bebida viabiliza o acesso ao mundo sobrenatural. Este termo pode igualmente se interpretado como uma substância que favorece o acesso a qualquer tipo de conhecimento, de percepção. O cognato *muka* designa também o adjetivo amargo: *məʂu mabəʂ muka* (preto / caiçuma / amargo) 'café amargo'.

- b. *huni muka-ja*
 homem substância.xamânica-PART
 lit. ‘homem caracterizado por conhecer os efeitos do *muka* e por poder controlá-lo’
 ‘xamã’
- (11) a. *huni-n bin*
 homem-GEN látex
 ‘o látex do homem’, ‘a luz/lamparina do homem’
- b. *huni bin-ja*
 homem látex-PART
 lit. ‘homem caracterizado por conhecer o caucho’
 ‘seringueiro’
- (12) *ainbu kənə-ja*
 mulher desenho-PART
 lit. ‘mulher caracterizada por conhecer todo a arte da tecelagem e sobretudo
 todos os *kənə*’
 ‘tecedeira’
- (13) *huni dəku-ja*
 homem *dəku*¹¹-PART
 lit. ‘homem caracterizado por ser susceptível aos agouros da boa sorte para caçar’
 ‘(homem) marupiara’

Em marubo, Costa (1992) explica que a totalidade dos nomes de agente é marcada por *-{a}ja*¹². Contrariamente a essa língua do vale do Javari, em caxinauá, a atribuição ou a caracterização da qualidade do agente se restringe a alguns casos, como ilustram os exemplos acima.

Os enunciados seguintes exemplificam a inaceitabilidade morfológica da seqüência «*radical-ja-aspecto*» com elementos animados não humanos (14-15):

- (14) a. *ʃəna* ‘verme/larva’
- b. *nami/bimi ʃəna-ja*
 carne/fruta verme-PART
 ‘carne/fruta bichada’

¹¹ *dəku* designa uma substância que dá bons agouros, sorte ao caçador.

¹² Para o caxinauá, a forma *-aja* remete a um valor aspectual. Nesta língua, os nomes de agentes causativos são marcados pelo sufixo *-nika*: *huni bi-nika* (homem / pegar-nome de agente) ‘pescador’, ou *-kapa*: *huni daja-kapa* (homem / trabalho-nome de agente).

- c. *nami bawa-ma-∅* *ʃəna-mis* (*ʃəna-ja-mis*)
 carne cozimento-NEG-U verme-EVE
 lit. ‘habitualmente a carne não cozida bicha’
 ‘a carne crua cria verme’

(15) a. *himi* ‘sangue’

- b. *mətuti* ***himi-ja***
 dedo sangue-PART
 ‘o dedo está ensanguentado’

- c. *ainbu himi-mis*
 mulher sangue-EVE
 ‘a mulher está menstruada’

Este sufixo participial agrega-se tanto a termos lexicais nominais *biʃi* ‘estrela’ > *biʃi-ja* ‘estrelado’, *bədu* ‘olho’ > *bədu-ja* ‘aquele que tem olho’, *badi* ‘sol’ > *badi-ja* ‘ensolarado’, *hina* ‘calda’, ‘rabo’ > *hina-ja* ‘caldado’, ‘com alsa’, *mani* ‘grupo’ > *mani-ja* ‘regrupado’, *matsi* ‘frio’ > *matsi-ja* ‘frioento’, *ʃəni* ‘banha/gordura’ > *ʃəni-ja* ‘gordo/gorduroso’, e verbais (*kain* ‘nascer’ > *kain-ja* ‘nascido’, *niskain* ‘suar’ > *niskain-ja* ‘suado’, *nəʃan* ‘tirar do fogo’ > *nəʃan-ja* ‘está tirado’) como a termos gramaticais (*dasi* ‘todos’ > *dasi-ja* ‘ter muitos’¹³). Em alguns termos, a presença de *-ja* sugere uma lexicalização: *ʃimaja* ‘lustrado’, *ʃukuja* ‘leitoso’, *sakaja* ‘arpão com duas pontas’, apesar de ser possível, em alguns casos, segmentar algumas construções, encontrando o radical lexical: *nanə* ‘genipapo’ > *nanəja* ‘feto’, ‘útero’; *əna* ‘é o meu’ > *ənaja* ‘conhecimento próprio’¹⁴, *tuɗu* ‘redondo’ > *tuɗja* ‘grávida’.

A transcategorização em caxinauí é um fenômeno corrente em que os lexemas passam de uma categoria lexical a outra tendo suas funções marcadas ou pela posição ocupada no enunciado ou pelos morfemas gramaticais (Camargo, 2003). Os exemplos em (16), com a base lexical *əwa*, ilustram tal fenômeno lingüístico. Em (16a) tem-se um nome, em (16b) um verbo. Com o adjetivizador *-{ta}pa* tem-se em (16c) uma relação descritiva, já em (16d), com o morfema participial *-ja* tem-se uma relação atributiva:

(16) a. *bakə əwa* ‘crescimento de criança’

- b. *bakə əwa-ai* ‘a criança cresce’

- c. *bakə əwa-pa* ‘criança grande’

- d. *bakə əwa-ja* ‘criança crescida’.

¹³ Como na construção *bətsa dasi-ja* //irmão.mesmo.sexo / todos-part// ‘tem muitos irmãos’ que caracteriza a pessoa por ter muitos ‘irmãos do mesmo sexo’.

¹⁴ *huni ənaja* ‘conhecimento do homem’, *bədu ənaja* (olho / conhecimento) ‘conhecimento do olho adquirido pelo espírito do olho por meio de desdobramento’, *bici ənaja* (pele / conhecimento) ‘conhecimento da pele pelo mundo natural’.

O VALOR DE ‘DISPORDE’

O valor de atribuição de uma propriedade ou de uma qualidade ao elemento determinado é geralmente marcado pelo elemento determinante quando composto pelo sintagma «radical-*ja*». Neste caso, o radical pode ser representado tanto por elementos animados humanos (8b, 17) e não humanos (18) como inanimados (19). Ao elemento determinado pode-se assim atribuir a propriedade de ‘estar (com) cachorro (lit. estar encachorrado, 18), a de ‘estar (com) canoa’ (estar encanoado, 19a) e a de ‘estar com coberta (estar encoberto, 19b)’:

- (17) a. ainbu bakə-**ja**
mulher filho-PART
lit. ‘à mulher atribui-se a propriedade de estar enfilhada¹⁵’
‘mulher grávida’
- b. ainbu bənə-**ja**
mulher esposo-PART
lit. ‘mulher esposada’
‘mulher casada’
- c. huni ain-**ja**
homem esposa-PART
lit. ‘homem esposado’
‘homem casado’
- (18) huni kaman-**ja**
homem cachorro- PART
lit. ‘ao homem atribui-se a propriedade de estar encachorrado’
‘o homem tem cachorro’
- (19) a. huni şaşu-**ja**
homem canoa- PART
lit. ‘ao homem atribui-se a propriedade de estar encanoado’
‘o homem tem canoa’
- b. şaşu şubu¹⁶-**ja**
canoa toldo-PART
lit. a canoa atribui-se a propriedade de estar coberta’
‘a canoa tem toldo’

¹⁵ Em português a construção ‘homem filharado(a)’ é agramatical. Porém, a forma do particípio é usada na construção genitiva que tem por relator o verbo ‘ter’: o homem tem uma filharada.

¹⁶ Originariamente, *şubu* designa maloca. No falar moderno, designa ‘tapiri’ ou toldo, cobertura.

Há construções que podem ser consideradas cristalizadas. As construções abaixo, por exemplo, fazem referência a uma aparência natural (20a) e à tecelagem que usa desenhos ornamentais (20b), o que atribui ao elemento determinado a característica de possuir desenho ornamental:

- (20) a. inu kənə¹⁷-ja
 onça desenho-PART
 lit. ‘a onça é marcada/desenhada’
 ‘onça pintada’
- b. disí kənə-ja
 rede desenho-PART
 lit. ‘a rede é marcada/desenhada’
 ‘rede ornamentada’

Do ponto de vista sintático, o elemento determinado pode ser representado por clíticos como em (8b) ou ainda em (21). Estas relações predicativas, marcadas pelo participípio *-ja*, requerem uma leitura em que se caracteriza o ‘sujeito’ por possuir/dispor de algo:

- (21) a. ə- n bakə-ja
 1SG-U criança-PART
 lit. ‘estou enfilhado’
 ‘tenho / possuo filho’
- b. ə- n kaman-ja
 1SG-U cachorro-PART
 lit. ‘estou encachorrado’
 ‘tenho / possuo cachorro’

Em (21), tem-se uma construção que remete a uma relação de posse, em que o elemento predicativo recebe o sufixo participial, atribuindo ao sujeito a propriedade de «dispor de». Apesar de em (21a) ter-se um termo referencial *bakə* ‘filho’, os demais termos de relações sociais empregados como referência não são marcados pelo participípio:

- (22) a. ə-n kuka (1SG-GEN / filho) ‘meu filho’, mas *ə-n kuka-ja
- b. ə-n əpa (1SG-GEN / pai) ‘meu pai’, mas *ə-n əpa-ja

Um esclarecimento sobre a distinção entre *kuka* ‘filho’ e *bakə* ‘filho’, ‘criança’ parece-me necessário. O valor semântico do primeiro está ligado à concepção de normas de parentesco:

¹⁶ Originariamente, *subu* designa maloca. No falar moderno, designa ‘tapiri’ ou toldo, cobertura.

¹⁷ O semantismo de *kənə* é polissêmico. Com valor verbal, ele designa ‘tecer’, ‘desenhar’, ‘construir uma grade ou uma armadilha’. Com o valor de nominal, *kənə* designa ‘fechamento’.

kuka pode ser um filho biológico¹⁸ do enunciador, mas não necessariamente, pois ele pode ser considerado ‘filho classificatório’ pelas relações de parentesco internas do grupo. O segundo, *bakə*, está intimamente ligado a relações consangüínea, biológica. Desses dois termos, somente o primeiro, que é um termo de classificação, pode receber o sufixo *-n* em função de vocativo: *kuka-n hu-wə* (*kuka*-GEN / VIR-IMPER) ‘Eh, *kuka*, venha!’, jamais **bakə-n hu-wə*. Nesse caso, o morfema *-ja* determina somente o termo que designa um elemento biológico e não o classificatório. O mesmo acontece com os termos referentes às partes do corpo humano (23), em que o elemento determinado/possuído não recebe o valor participial:

(23) ə-n buʃka (1SG-GEN / cabeça) ‘minha cabeça’, mas *ə-n buʃka-ja

A combinação « *-ja-tapa* »

O lexema polissêmico *dakə* (1) ‘vergonha’, ‘timidez’, (2) medo, além de receber o sufixo *-tapa* (*dakə-tapa* ‘preguiçoso’) de atribuição de propriedade e o morfema *-ja* (*dakə-ja* ‘medroso’) de valor participial, aceita a combinação desses marcadores gramaticais *-ja-tapa* > *dakə-ja-tapa* designando ‘envergonhado’, ‘medroso’. Aqui se dão duas operações: a de participio *-ja* e em seguida a de atribuição *-tapa*. Combinação pouco produtiva na língua.

A construção « *ha-ja* »

O sufixo *-ja* agrega-se ainda ao pronome anafórico/catafórico *ha* > *ha-ja*, permitindo assim que tal combinação ocupe a posição de predicado, que por sinal recebe valores aspecto-temporais (24b). Esta construção que indica dois argumentos « X tem Y » remete a um predicado existencial, cuja leitura literal sugerida é « de.X Y, existe Y »:

(24) a. ə-n bakə ha-ja
 1SG-GEN filho ele-PART (= existir)
 lit. ‘de mim filho, existe-o’
 ‘tenho filho’

b. ə-n bakə ha-ja-mis
 1SG-GEN filho existir (= ele-PART)-EVE
 lit. ‘de mim filho, ele sempre existe’
 ‘tenho um filho’

¹⁸ De forma geral, não costumamos traduzir os termos de parentesco caxinauá, pois nem sempre ele corresponde a nossa concepção de relação, seja consangüínea seja afins, mas no contexto deste texto, fornecemos uma das acepções aos cognatos *əpa* ‘pai’ e *kuka* ‘filho’.

Em uma topicalização em que o elemento possuído ocupa a posição inicial do enunciado, requer-se uma leitura de uma subordinada do tipo relativa. Neste caso, o elemento topicalizado vem sempre acompanhado do topicalizador *-dan*:

- (25) *bakə* (-dan), ə-n *haja*
 filho(-TOP), 1SG-GEN existir
 lit. ‘filho, de mim existe-o’
 ‘o filho que tenho’

As diferentes análises mostram a formação de um sintagma nominal (N N) e a de um sintagma adjetival (N Adj). O elemento determinante que se posiciona à direita do elemento determinado pode receber valores aspecto-temporais e formar um predicado nominal e um predicado adjetival respectivamente. O sintagma marcado pelo morfema *-ja* remete a um predicado participial.

À guisa de conclusão, notamos que as análises do emprego e do valor dos morfemas *-ja* e *haja* propostas para o caxinauá parecem ser válidas para outras línguas panos como o marubo (Costa, 1992), matsés (Carvalho, 1992, Fleck, 2003), katukina (Aguiar, 1988). Só um estudo comparativo permitirá ver de perto a proximidade semântica entre elas. Dessas análises pode-se ainda fazer um paralelo entre estes mesmos empregos e valores morfêmicos do caxinauá com as marcas *yuq*, *tiya-* e *ka* do quechua¹⁹. Taylor (1981) assinala que *-yuq* serve para caracterizar o possuidor da qualidade do objeto possuído, ou seja, é um morfema de valor atributivo, como se vê em caxinauá e também em marubo (segundo os exemplos fornecidos em Costa, 1992) com o sufixo participial *-ja*. Já as formas *tiya-* e *ka* servem-se de um verbo existencial em enunciados que expressam a posse. Este paralelismo entre o caxinauá e o quechua não implica parentesco lingüístico. É notável, porém, a existência de formas e valores semânticos próximos, como também o próprio emprego do instrumental (Itier, 1997) e de valores modais (Taylor, 1996)²⁰ entre essas duas línguas de famílias distintas, presentes, no entanto, em um território contínuo entre o altiplano e as terras baixas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. S. (1988). *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Campinas: UNICAMP.
- CAMARGO, E. (2003). Classes lexicales: frontière peu tranchée en caxinauá. *Faits de Langues* 2: 25-39. Mésio-Amérique, Caraïbes, Amazonie. Paris: Ophrys.

¹⁹ A família lingüística quechua é falada no norte da Argentina, no Peru (língua nacional, juntamente com o aymara) e no Equador.

²⁰ Essas duas famílias lingüísticas que, ocupam ainda hoje um espaço territorial contínuo, tiveram outrora contato, como documentam relatos da tradição oral, como o mito do *huwan kadu*, por exemplo, que trata da união entre um inca e uma caxinauá e da descendência dos caxinauás dos Incas: o filho do *juşin* do *huwan kadu* matou os Incas que viraram macacos e em seguida transformou-os em caxinauá.

- COSTA, R. (1992). *Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em Marubo (Pano)*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ.
- _____. (1994). Manifestaciones de la ergatividad en marubo (Pano). *Actas de las II Jornadas Lingüísticas Aborígen*, p. 205-223. Buenos Aires: UBA.
- CARVALHO, C. (1992). *A decodificação da estrutura frasal em matsés (pano)*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ.
- d'ANS, A.- M. & MONDRAGÓN, M. C. (1973). *Términos de colores Cashinahua (Pano)*. Documento de Trabalho 16. Lima: Centro de Investigación de Lingüística Aplicada, Universidad Nacional Mayor de San Marcos.
- FLECK, D. W. (2003). *A Grammar of Matses*. Ph.D. Dissertation in Linguistics. Houston: Rice University.
- ITIER, C. (1997). *Parlons Quechua*. Paris: L'Harmattan.
- POTTIER, B. (1974). *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris: Klincksieck.
- SHELL, O. (1985) [1975]. *Las lenguas pano y su reconstrucción*. Série Lingüística Peruana 12. Estudios Panos III. Yarinacocha, Peru: ILV.
- TAYLOR, G. (1981). Énoncé exprimant la possession et l'obligation en quechua, *Amerindia* 6: 85-94. Paris: AEA.
- _____. (1996). Les particules modales en quéchua. In Zlatka Guentchéva (ed.). *Énonciation médiatisée. Bibliothèque de l'Information Grammaticale*, p. 259-269. Louvain/Paris: Peeters.

Recebido: 01/10/2003

Aceito: 17/12/2003